




*Igualdade*



Quando se trata de hipocrisia social, toda junção de caracteres é possível: lados contrários se unem, ideologias se pulverizam e ressurgem irmanadas. Estúpidos e cultos sentam-se nas mesmas mesas, como se se entendessem às maravilhas, enfim, nulidades e sumidades se igualam no rumo de seus interesses imediatos. Isonomia, diriam alguns, depois de alargarem as qualidades filosóficas do inculto artífice, com este enaltecendo os dizeres dos primeiros sem entender patavina de nada. É mais ou menos assim numa esquina democrática e na mesa entulhada de rodela de papelão marcando as tulipas consumidas pelo servente e seu engenheiro, ambos igualados pelo chope e demonstrando conhecimento profundo da última convocação da seleção. Depois, igualmente embriagados, o servente sai bamboleando pelos quarteirões até chegar ao ponto do ônibus, que não vem, e finalmente se deixa quedar ali mesmo, na sarjeta do costume, dormindo o sono dos excluídos até o amanhecer de mais um dia destinado ao suor. O engenheiro, porém, há muito chegou em casa, de táxi, e depois de vomitar seus excessos e deglutir os remédios de curar ressaca, deita-se ao lado da mulher boazuda, esta que se finge adormecida enquanto discretamente sorri ao lembrar o amante com quem curtiu sexo a tarde toda num chique motel. Assim a vida continua e o sol empurra mais uma noite e faz chegar o dia, com cada qual, engenheiro e servente, se preparando para pousar no galho social de uma árvore de pouca copa e muitas raízes fincadas no chão agreste de intransponíveis diferenças sociais... Também assim o cirurgião faz a cirurgia num paciente que não precisava operar e o faxineiro do hospital perfuma seus corredores, que se fingem asseados apenas pelo cheiro dos produtos impróprios à esterilização, ou seja, cada qual no seu galho ou raiz cumprindo destino por força do nascimento em berço de ouro ou de lata ou berço nenhum. Mas ambos se sentem felizes, talvez até mais o faxineiro, que, sem pensar em desventuras, consegue fazer brilhar o chão, enquanto o cirurgião chora a derrota de suas mãos inábeis no mister de rasgar o corpo alheio, algo que faz apenas em agrado ao pai, rico fazendeiro, analfabeto, que lhe determinara ser médico a qualquer preço. Quem perde, afinal, é o paciente, que não precisava operar nada e gratuitamente morre e se esvai do mundo sem saber se a morte é apenas um delicioso sono eterno. Sim, um somatório de noites bem-dormidas que encurtam a vida dos que pensam e sabem que um dia a morte chegará, independentemente ou não de existir o buraco da agulha e o prêmio do Paraíso para os pobres. Ora, tanto faz como tanto fez, morto não dá palpite nem testemunho, e do seu cadáver restará somente o pó, eis a verdade substancial, pois todos os desiguais neste mundo de diferenças sociais se tornam isonômicos no sepulcro. E a morte é simples e direta, não importa a beleza do túmulo nem a riqueza do morto, seja sociólogo ou motorneiro, psicólogo ou louco, eleitor nordestino ou presidente eleito. Mas a vida é o ponto visível e tragicômico das gentes que se enganam em representar papéis como se tudo fosse tão eterno que nem mesmo a morte é lembrada, parece que não existe. Enquanto isso amanhece um novo dia, outra mulher se enfeita, e seu jovem marido, magistrado, quase que adolescente, se põe em grave reflexão sobre a condenação que escreveu na véspera para punir um criminoso sem saber se ele é mesmo o criminoso, mas certo de que agradará ao clamor público porque anunciou a culpa do réu e somente isto importa. Notícia é notícia, é a atração que fundamenta a notícia seguinte, em suíte, e ele, o juiz, não quer ser o ator-vilão-da-história. Que o seja o réu, mesmo inocente!... Sim, sim, a vida é assim, tem de ser e será sempre assim! Afinal, chovendo ou fazendo sol, condenando ou absolvendo o réu, a vida continua, é o que diriam todos em volta da mesma mesa em que antes discutiam o servente e o engenheiro sobre a escalação da seleção, enquanto empilhavam rodela de tulipa de chope. E assim a vida vai, e vem, e vai, e vem, e vai, e vem, até que a morte alcance a todos, ricos ou pobres, e seus corpos, agora isonômicos, sejam baixados em caixões luxuosos às sepulturas de granito ou plantados em covas rasas



depois de escorregarem pela abertura do vai-volta; enfim, corpos servindo de adubo às raízes da mesma árvore que cresceu no cemitério, árvore frondosa, arejada por ventos do prazer material de um tempo desgraçadamente finito, tanto para ricos que o desfrutam no prazer da mais-valia, como para pobres que o vêem escorrer junto com o suor de sua menos-valia. Eis a verdade de ontem, de hoje e de amanhã! Eis nosso mundo igualitário! Mas a noite é nossa, na cama aquecida ou na calçada úmida, e o sol, democraticamente, jorra seus raios ao nascer de um novo dia...